



III CIFA
COLÓQUIO INTERNACIONAL
FEMINISMO E AGROECOLOGIA:
TRABALHO, CUIDADO E BENS COMUNS

SABOREANDO A VIDA NO TRABALHO: PRÁTICAS SOLIDÁRIAS NO GRUPO SABORES DA VIDA EM IRARÁ, BAHIA¹

COSTA, Davi Silva da²; **Silva, Nayanna Reis**³

2 Doutor em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade, Professor curso de Especialização em Inovação Social com Ênfase em Agroecologia e Economia Solidária do Instituto Federal Baiano- IF BAIANO Campus Serrinha, abuh.davi@gmail.com

3 Pós-graduanda em Inovação Social com ênfase em Agroecologia e Economia Solidária do Instituto Federal Baiano-IF BAIANO, Campus Serrinha, reisnayanna@gmail.com

RESUMO:

Essa pesquisa teve como objetivo identificar e avaliar como as práticas solidárias influenciam ou são influenciadas no modo em que as juventudes e as mulheres vivem, com destaque para as relações de trabalho a luz da Economia solidária e através dos conhecimentos científicos e das práticas no contexto semiárido baiano. Este artigo traz parte da pesquisa realizada pelos autores, fazendo um recorte sobre as dimensões trabalho e de gênero, problematizados durante a pesquisa. A pesquisa-ação, com intervenção social, foi a metodologia utilizada com o grupo Sabores da Vida. O grupo fica localizado na comunidade Largo Novo, no município de Irará/BA. Como ferramentas, foram utilizadas roda de conversa, matrizes FOFA (Força, Oportunidade, Fraqueza e Ameaça) e GUT (Gravidade, Tendência e Urgência), e posteriormente oficinas na execução das ações planejadas. Observa-se que os saberes das mulheres são fonte de inspiração para um modelo de desenvolvimento inclusivo e justo.

Palavras chave: Gênero, Trabalho, Práticas Solidárias, Protagonismo.

INTRODUÇÃO

Singer (2002) considera que a Economia Solidária (ES) se relaciona diretamente com geração e difusão do conhecimento. Desse modo, entendemos que na ES, os saberes e as práticas são mecanismos de educação (em suas possíveis acepções) e de troca de conhecimento, o que possibilita o desenvolvimento de diferentes Grupos sociais. Segundo Arruda e Boff *apud* Guerra (2014), “A economia que nós precisamos está começando a ser construída em muitos espaços no Brasil. É a economia em que o valor central não é mais o capital, mas, sim, o ser humano, a sua capacidade criativa, o seu conhecimento, o seu trabalho”. Assim, este trabalho traz parte da pesquisa realizada pelos autores como parte do processo de formação do curso de especialização em Inovação Social com ênfase em Agroecologia e Economia Solidária do IF Baiano. Para o III Colóquio Internacional Feminismo e Agroecologia-CIFA, faremos um recorte sobre as dimensões de *trabalho* e *gênero*, problematizadas durante a pesquisa.

Buscou-se questionar como as práticas solidárias influenciam ou são influenciadas pelo modo de Vida das mulheres adultas e das mulheres jovens que participam do Empreendimento Econômico Solidário

¹ Parte do TCC “OS (DES)SABORES DO GRUPO SABORES DA VIDA EM IRARÁ, BAHIA: PRÁTICAS SOLIDÁRIAS, PROTAGONISMO DE GÊNERO E GERAÇÃO” a ser apresentado ao curso de Especialização em Inovação Social com Ênfase em Agroecologia e Economia Solidária do Instituto Federal Baiano Campus Serrinha.



(EES) da comunidade Largo Novo, Irará-BA. Além disso, buscamos compreender como as relações de troca neste EES dialogam com a inserção das mulheres e com a juventudes no mundo do trabalho.

A pesquisa foi realizada no semiárido baiano, no município de Irará, atualmente o município possui aproximadamente 30.000 habitantes, é uma região de transição e faz limite com os municípios de Água fria, Coração de Maria, Ouriçangas, Pedrão e Santanópolis.

Apesar de ter um comércio forte, a principal atividade econômica da região de Irará é a agricultura, sendo principais produtos: a mandioca, o feijão, o milho, o amendoim e o fumo. Irará compõe a região metropolitana de Feira de Santana, além de compor Território de identidade Portal do Sertão. O Território do Portal do Sertão é composto por 17 municípios², possuindo extensão territorial de 5.811,58 km², situa-se em áreas sob influência predominante de clima semiárido, semiárido a subúmido e úmido a subúmido. Conforme o que afirma CODETER Portal do Sertão (2017), uma característica marcante na história de formação do Território do Portal do Sertão é a prevalência rural na maior parte dos municípios, mas há uma transformação do território com a constituição do município de Feira de Santana, ou seja, por Feira de Santana ser o maior município do território em população (em acúmulo de riquezas), o território portal do sertão se torna com porcentagem maior de pessoas nas zonas urbanas do que na zona rural, o que a difere dos demais 16 municípios que, em sua maioria, possui população no rural.

Realizada no Grupo Sabores da Vida, a pesquisa foi formada, inicialmente, por oito mulheres. O grupo surgiu a partir do desejo da geração de renda das mulheres da associação comunitária de Largo Novo, visto que as dificuldades com a estiagem e a falta de oportunidade de trabalho e emprego na região são questões urgentes. O Grupo comercializa bolos, bolachas, beiju, doces finos e salgados, quase sempre elaborados sob encomendas. Uma das principais dificuldades apontadas pelas mulheres durante a pesquisa é a divulgação e os novos mercados. Um dos pontos positivos do grupo, segundo as mulheres, é a qualidade dos seus produtos e a alegria do trabalho delas.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada foi a pesquisa-ação concebida como intervenção social. Thiollent (1986, p.14) afirma que a pesquisa-ação “é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo”, e complementa que “os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão

² Água Fria, Amélia Rodrigues, Anguera, Antônio Cardoso, Conceição da Feira, Conceição do Jacuípe, Coração de Maria, Feira de Santana, Ipecaetá, Irará, Santa Bárbara, Santanópolis, Santo Estêvão, São Gonçalo dos Campos, Tanquinho, Teodoro Sampaio e Terra Nova



envolvidos de modo cooperativo ou participativo”. Dionne (2007) ratifica que “a pesquisa-ação conserva a distinção entre a abordagem científica e a abordagem da ação em si mesma”.

Para atingir os objetivos acima citados, a pesquisa-ação se dividiu em quatro fases: diagnóstico (para entender a dinâmica do Grupo); construção do plano de pesquisa e ação (realizado junto com o Grupo); execução; e, por fim, avaliação processual e final.

Com o Grupo de produção Sabores da Vida, composto por oito mulheres rurais, sendo três jovens mulheres. Foi escolhido para análise o grupo um por ter de conter jovens e pela preocupação com o êxodo rural. Para melhor entendimento, usei os nomes de registro das mulheres que me autorizaram, para aquelas que não me autorizaram, utilizei nomes fictícios: Eliane (45 anos), Valdeci (45 anos) Andréa (24 anos) Gabriela (17 anos) e Drica (17 anos), Duda (42 anos).

Inicialmente, a atividade de diagnóstico consistiu em uma roda de conversa utilizando a dinâmica crochê de amigas. Durante uma roda de conversas, elas tinham em mãos um barbante, cada uma se apresentava e podia contar um pouco das suas vivências, e jogava para uma outra colega fazia o mesmo. O barbante ia e voltava nas mãos das mulheres formando uma teia, na qual chamamos de crochê. Posteriormente, na segunda fase do diagnóstico, utilizou-se como ferramentas a matriz FOFA³ e a GUT⁴. Durante o processo de diagnóstico, as mulheres colocaram como questões emergenciais com tendências a piorar: a estiagem, falta de mercado, a falta de marca própria do grupo e a falta de equipamento. Além disso, destacaram-se alguns temas a partir das falas das mulheres, entre eles: as relações de poder e liderança existentes entre elas, as relações geracionais e de família.

Após a análise do diagnóstico e a partir das ferramentas já mencionadas, construiu-se o planejamento das ações a partir das possibilidades e recursos que se tinha. Durante o planejamento, foram acordadas três oficinas para a padronização das receitas, além da divulgação do Grupo. As mulheres do Grupo sugeriram a construção de um livro de receitas que traduzisse os hábitos alimentares tradicionais da comunidade e linha de produtos a serem produzidos pelo Grupo. Durante as três oficinas foram vivenciadas atividades de místicas, dinâmicas de grupo e a avaliação, que elencou os pontos positivos e negativos que surgiram nos momentos de atividades coletivas.

A partir dos diagnósticos, planejamento das ações e oficinas, algumas categorias de análises surgiram fortemente, a saber: gênero, geração, comercialização, práticas solidárias, trabalho e bem viver.

Então, para o presente artigo, iremos problematizar o trabalho como categoria fundante para a dinâmica do Grupo e para o processo de fortalecimento das identidades das mulheres.

³ A Matriz FOFA (FORÇA, OPORTUNIDADE, FRAQUEZA E AMEAÇA) é uma ferramenta metodológica usada pela administração para analisar Grupos, coletivos e outros, buscando diagnóstica problemas a serem resolvidos e construir planejamento, muito utilizada pelos movimentos sociais.

⁴ A Matriz GUT (GRAVIDADE, URGÊNCIA E TENDÊNCIA) é uma ferramenta metodológica usada pela administração para analisar Grupos, coletivos e outros, buscando dá foco nas necessidades a serem priorizadas e ou problemas a serem resolvidos



RESULTADOS E DISCUSSÕES: SABOREAR A VIDA NO TRABALHO

Por muitas vezes a compreensão do trabalho é associada à ideia de “ofício” que se confunde com a noção de emprego, no entanto, sociologicamente encontramos inúmeras diferenças. Historicamente o trabalho possui uma função, como afirma Camargo (2012, p.2): “O trabalho assume uma centralidade fundante do ser social, um conjunto de atividades intelectuais e manuais organizadas pela espécie humana e aplicada sobre a natureza, visando assegurar sua existência”.

Segundo o mesmo autor (p.2),

Para Marx (1844), os homens, para existirem, devem ser capazes de se reproduzirem enquanto seres humanos; forma específica desta reprodução é dada por uma peculiar relação dos seres humanos com a natureza através do trabalho. A categoria do trabalho emerge, desta forma, como categoria central do ser social

O trabalho, portanto, realiza de forma orgânica uma troca com a natureza, na qual sem ela não há qualquer possibilidade de reprodução social. Ao mesmo tempo em que o ser humano transforma a natureza diante do trabalho, vai transformando sua própria natureza, e nesse processo, transforma o trabalho social em um fator fundamental para a sociabilidade humana (CAMARGO, 2012).

Ainda para o autor (p.3)

O conceito de trabalho em Marx não se limita no conceito econômico cotidiano do trabalho como meramente ocupação ou tarefa. E sim como categoria central nas relações sociais, nas relações dos homens com a natureza e com outros homens por que esta é sua atividade vital. Isto quer dizer que, se o caráter de uma espécie se define pelo tipo de atividade que ela exerce para produzir ou reproduzir a Vida, esta atividade vital, essencial nos homens, é o trabalho” (CAMARGO, 2012. p.3).

Oliveira *et al* trazem algumas dimensões possíveis em que o trabalho possui para o ser social, como “meio de independência financeira, a estruturação do tempo tendo como referência uma rotina diária de trabalho, os laços de sociabilidade, a variedade no convívio com outros espaços sociais e um sentido de investimento e identidade pessoal” (2011, p.10). Desta forma, o trabalho possui uma dimensão subjetiva e de apropriação que o faz ser uma dimensão da Vida em construção.

Ao mesmo tempo modo de produção capitalista vem desvirtuando a ação do trabalho concreto (social) em trabalho abstrato (assalariado). Não que seja ruim remunerar o trabalhador, mas o que ele tem feito é esvaziar os outros sentidos do trabalho. Um bom exemplo disso são os afazeres do lar: limpar a casa, lavar as roupas, cozinhar, encher o filtro são sempre vistos como inferior a outros trabalhos.

De acordo com Souza e Guedes (2016, p.123)



III CIFA

COLÓQUIO INTERNACIONAL
FEMINISMO E AGROECOLOGIA:
TRABALHO, CUIDADO E BENS COMUNS

Surgida ao longo dos séculos, mas evidenciada no sec. XIX com uma nítida divisão entre domínio público e privado, a dicotomia entre o público e o privado se consubstanciou a divisão sexual do trabalho, homens provedores e mulheres cuidadoras. Assim, durante um período considerável de tempo, as atribuições sociais, ao mesmo tempo que limitavam as mulheres a permanecerem no espaço privado, delegavam aos homens, como “destino natural”, o espaço público.

De acordo com Pessoa; Ramos; Peixoto (2008), a divisão sexual do trabalho se rege por dois princípios organizadores: o princípio da separação – existem trabalhos de homens e de mulheres - e o princípio da hierarquização – o trabalho dos homens “valem” mais que o trabalho das mulheres.

Desse modo, os afazeres domésticos são estereotipados como atividades femininas, estão no privado dos domicílios, não são remunerados, a pessoa realiza para o seu próprio bem-estar e de quem vive com ela, além de atender a necessidades básicas (comer, beber águas, etc). Analisando ainda os afazeres domésticos ditos anteriormente, e fazendo um recorte de gênero, observamos que as atividades relacionadas como exclusivas “de mulheres” são sempre inferiorizadas e invisibilizadas, um exemplo surgido nos diálogos com as mulheres é o ato de cozinhar. As mulheres do Grupo Sabores da Vida, aprenderam a cozinhar no privado, em sua casa, e é justamente esse trabalho que as tem levado para o público, possibilitando-as, inclusive, a viajar (formações, participação em feiras e outros). É possível perceber esta transformação na fala de Lineza:

Quer dizer... o gostar de fazer pamonha, não é nem o de fazer pamonha, é o prazer de alguém comer e dizer ‘tua pamonha é uma delícia’ tem gente que pergunta assim ‘que que tughna mesmo fazendo pamonha’ porque a maioria eu faço dá, eu respondo assim ‘é o prazer de ver alguém dizer eu nunca comi uma pamonha igual a essa’.

Lineza produz pamonha e é considerada uma das referências culinárias da comunidade. Sua história de Vida nos mostra o quanto se tornar conhecedora das suas próprias receitas, após o casamento, a fez ganhar identidade e reconhecimento daqueles que compram a pamonha produzida por ela.

De certo modo o capitalismo atribui ao trabalho um sentido de esvaziamento, trazendo a ideia de emprego como uma atribuição de não autonomia, a função pela função, sem estabelecer com o sujeito a autonomia de pensar os objetivos e metas, de estabelecer a sociabilidade. Essa reflexão nos estimula a recorrer à teoria de Maslow⁵, para o olhar do trabalhador como sujeito de necessidades, é visualizar que, por exemplo, “de barriga” vazia não se trabalha satisfeito. Porém, além dessas, estão imbricadas outras necessidades, e essas não seguem o rigor da hierarquia proposta por Maslow, desmontam o esvaziamento do sentido social do trabalho provocado pelo capitalismo.

⁵ Abraham H. Maslow (1908-1970), psicólogo especialista em motivação humana, criou a Hierarquia das necessidades de Maslow.



Observando as falas das mulheres do Grupo estudado percebemos que durante o processo da pesquisa elas se referiam ao trabalho no Grupo como complementação de renda, já que compõem a renda de sua família com a produção e a comercialização dos produtos da agricultura familiar provenientes de suas propriedades. Assim, podendo somar ao salário do seu marido tanto com a participação de programas sociais (bolsa família), ou ainda por meio de prestação de serviços (faxineira, cozinheira, zeladora em fazendas ou casas na região).

A participação dessas mulheres na composição da renda familiar, assim como resultado na participação no Grupo, apresenta grande importância, porém esse não é o único fator relevante para elas, pois existe também maior sociabilidade com a participação do grupo. Sobre as reuniões, elas afirmaram que a amizade, o carinho umas com as outras, os laços afetivos e o reconhecimento do seu trabalho são proporcionados pelo grupo. Desse modo, destacamos que, além de participarem da composição da renda e sanarem as necessidades fisiológicas de cada uma e de suas famílias, elas têm a necessidade de amizade, de compartilhamento de histórias, de risadas, choros, de dividirem momentos de suas Vidas.

Assim, essas mulheres se organizam em prol da produção e da comercialização coletiva, as atividades são realizadas de forma autogestionárias e fomentam e realizam necessidades.

Oliveira et al nos diz (2011, p. 9)

No que se refere à relação entre trabalho e juventude, as condições de vida, as oportunidades de desenvolvimento e o tempo disponível apresentam-se como peculiaridades que separam radicalmente adolescentes que trabalham por necessidade, daqueles que só estudam ou buscam o trabalho como meio de desenvolvimento profissional. Neste exemplo, se reconhecem dois polos: o dos que, pela necessidade econômica, anseiam por antecipar da Vida adulta como forma de conseguir prover mais recursos para si e/ou para sua família e o outro, no extremo oposto, formado por jovens "burgueses" interessados em manter os benefícios do tempo livre ou de poder constituir uma base sólida para sua carreira.

É inegável dizer que o trabalho para as mulheres rurais, em sua maioria, é árduo, pois significa cuidar dos afazeres domésticos, cuidar da horta ou de qualquer outro sistema produtivo desde muito jovens. Esta condição é retratada por Valdeci, ao afirmar que “desde muito pequenas trabalham no roçado ‘como os homens’”. Ela começou a trabalhar na roça com sete anos e já possui dores fortes no corpo. Muito próxima da história de Valdeci, Drica relata que ia para roça ainda criança e que não gostava. Além disso, durante a fase da pesquisa, sua mãe providenciou um emprego de cuidadora na casa de uma senhora. Após concluir o ensino médio, ela estava empregada em uma loja como vendedora. Esse contexto é frequente entre as mulheres do Grupo e da comunidade, posto que, ao acessarem o estudo e avançarem no processo de formação, ocupam postos de trabalho no comércio local, que se apresenta como a oportunidade que paga melhor salário, não representando necessariamente para estas mulheres o trabalho desejado.



Para Perret-Clermont (2004 apud Oliveira et al 2011),

o processo de transição do jovem à vida adulta está relacionado com a assunção de práticas comunitárias que potencializam seu pensamento e os resultados discursivos que dele provêm. Nesse sentido, é por meio do diálogo que o adolescente é estimulado a pensar, relacionar-se no grupo e a assumir uma posição em relação a determinados assuntos, que vão contribuir para sua formação identitária. O contínuo contato (e por vezes o confronto) do jovem com palavras e outras mediações simbólicas, estabelece a compreensão e reprodução de papéis e situações socialmente estruturadas, com problemas definidos e respectivas soluções aceitas. Os espaços de pensamento e de discurso são, ao mesmo tempo, zonas internas de atividades psíquicas e oportunidades sociais de confronto de ideias e de descoberta de novos elementos da realidade. Entretanto, os jovens nem sempre encontram espaços que permitam um envolvimento pessoal significativo ou relações sociais a partir das quais possam adquirir condições para pensar, agir e refletir sobre a sua experiência. (2011, p. 8)

A partir dessa afirmação, visualizamos que os EES podem se configurar como espaços de formação de identidades e de sociabilidades para as juventudes, ressignificando o trabalho como um princípio educativo e, sobretudo, como um campo aberto à criatividade. Drica e Eliane trazem em suas falas a importância de relacionarem suas experiências com o trabalho na cidade ao Grupo Sabores da Vida. Estas experiências, quando reorientadas à dimensão da autogestão e à dinâmica coletiva, possibilitariam dinamizar os processos de produção. Este, portanto não seria o único alicerce do processo organizativo, visto que novas metodologias trazidas pelas experiências de formação proporcionadas pela pesquisa (oficinas de marketing, e outros) estimulam à criatividade, ao protagonismo e à construção de processos éticos, justos e solidários, reposicionando estas mulheres em uma nova condição de trabalhadoras.

Nesse sentido, Arendt (2007) problematiza que o corpo das mulheres, sua alta autoestima e os seus trabalhos precisam ser dominados, afinal, elas geram outros seres humanos, trabalhadores/as. Suas ações, em maior parte, só ganham prestígio e visibilidade quando elas se organizam (sindicatos, coletivos, cooperativas, movimentos, Grupos informais) e juntas mostram a força da produção feminina, que por consequência geram renda em suas comunidades. O Grupo Sabores da Vida se tornou esse espaço de sociabilidade, identidade, autonomia e reconhecimento do trabalho e da produção feminina.

Durante a pesquisa, salta aos olhos que a oportunidade da construção de processos autogestionários para a condução do Grupo ainda está em construção. Fomentar a formação para o trabalho perpassa por uma formação humana, que permita a estas mulheres perceberem as condições as quais estão submetidas (sociais, econômicas, culturais, psicológicas), além de estimular a transformação de valores arraigados (o machismo, a estética, os papéis sociais impostos) em um reposicionamento social e político. Compreender que o Grupo se apresenta como espaço fértil a essa construção, tendo como foco a



III CIFA

COLÓQUIO INTERNACIONAL
FEMINISMO E AGROECOLOGIA:
TRABALHO, CUIDADO E BENS COMUNS

produção e promoção de renda, mas não somente, possibilitando a estas mulheres relacionar-se com as outras instâncias de negociação e interação a partir de um lugar protagonista. No caso estudado, fica explícito este potencial, visto que, na realização das oficinas que proporcionavam a exposição e trocas de saberes e experiências, a condição feminina historicamente construída e sua superação era constantemente discutida e estrategicamente pensada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

A partir das vivências possibilitadas pela pesquisa, acreditamos que as mulheres e o Grupo Sabores da Vida se somam ao movimento econômico solidário por se conduzirem a processos de construção de suas autonomias, de organização e de produção contra-hegemônicas, tendo como protagonistas histórias e saberes. A (re)construção da percepção sobre o mundo, sobre a vida, se realiza no cotidiano e é necessário ser percebida como processo. Portanto, a presença de diferentes gerações no mesmo grupo foi relevante para o processo de formação constante e de assunção de estratégias que buscassem a transformação de papéis.

Sem que esteja de lado o estímulo à compreensão do potencial intelectual destas mulheres, além do fortalecimento da coletividade, da busca constante por conhecimento, da ocupação lugar no espaço doméstico (como mães, esposas, filhas e irmãs) e público (nas igrejas, sindicatos, associações, escolas entre outros). E, por isso, acreditamos que no Grupo, uma coisa se conecta a outra. A transformação destas mulheres, vistas como agentes de mudanças e protagonistas de suas histórias, perpassa necessariamente por esta complexidade. Os saberes das mulheres são fonte de inspiração para um modelo de desenvolvimento onde todos/as entre “na roda e dançam ciranda”.

REFERÊNCIAS:

ARENDR, Hanna. **A condição humana**. Tradução Roberto Raposo. 10ª edição. Rio de Janeiro. Ed. Forense Universitária. 2007.

CAMARGO, Marcio Lima, **Trabalho enquanto categoria fundante na existência humana e atual fase de reestruturação produtiva do Capital**, Caritas Brasileira, 2012. Disponível em: http://www.secep.com.br/arquivos/Trabalho_enquanto_categoria_fundante_na_existencia_humana_e_atual_fase_de_reestruturacao_produtiva_do_capital.pdf. Acesso 15 de novembro de 2017.

DIONNE, Hugues. **A pesquisa-ação para o desenvolvimento local**, Tradução: Michel de Thiollent. Liber Livro editora, 2007.

GUERRA, Ana Carolina. **Os valores da Economia Solidária e os valores do trabalho**: Um Estudo em Empreendimentos Econômicos Solidários, UFMG, 2014.

MENDONÇA, Kenia Fabiana Cota e *et al.* Formação, sucessão e migração: trajetórias de duas gerações de agricultores do Alto Jequitinhonha, Minas Gerais, **Revista Brasileira de Estudos de População**, Rio de Janeiro, v. 30, n. 2, jul./dez. 2013.



III CIFA

COLÓQUIO INTERNACIONAL
FEMINISMO E AGROECOLOGIA:
TRABALHO, CUIDADO E BENS COMUNS

OLIVEIRA, Sidinei Rocha de; PICCININI, Valmíria Carolina. *et al.* **Juventudes, Gerações e Trabalho:** (re)situando a discussão sobre a Geração no Brasil. 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-92302012000300010. Acesso 13 de novembro de 2017.

PESSOA, Cleudes; RAMOS, Jeannette Filomeno Pouchain; PEIXOTO, Socorro Leticia Fernandes. **Economia Solidária e Feminista:** Reflexões em torno da autonomia econômica das mulheres, 2008. Disponível em: http://base.socioeco.org/docs/mulheres_es.pdf. Acesso em 19 de dezembro de 2018

SINGER, Paul. **Introdução à Economia Solidária**, 1º edição- São Paulo: Editora Fundação Abramo: 2002.

SOUZA, Luana Passos e GUEDES, Dyeggo Rocha. **A desigual divisão sexual do trabalho:** um olhar sobre a última década, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v30n87/0103-4014-ea-30-87-00123.pdf>. Acesso em 12 de dezembro de 2018.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Ed. Cortez: Autores Associados, 1986.